

A Guide to Economic and Cost Benefit Analysis for Information Professionals Kingma, Bruce R., Economics of Information. USA; Libraries Unlimited Inc., 1996, 200p

O interesse pelo estudo e a compreensão da Economia da Informação têm aumentado com a dificuldade dos recursos disponíveis na sociedade. O ideal do fluxo grátis de informação começou a ser repensado quando esta atividade como um todo passou a competir por recursos escassos com a educação, a saúde, habitação etc.

A partir da crise do petróleo em 1973 e da recessão, que se seguiu em um mundo pré-globalizado, a atividade de informação teve de incluir em suas prioridades a confecção de um orçamento, instrumento angustiante para os profissionais da área, pois tradicionalmente não se importavam com a coleta metódica de dados contábeis, uma vez que o fluxo era e deveria ser livre nos dois sentidos: de barreiras e financeiramente. Assim começou a preocupação com a chamada economia da informação em nossa área. Como toda metodologia de análise e arcabouço teórico emprestado sofre da síndrome da disjunção: ou o analista era um profissional da informação sem conhecimento suficiente de economia ou um economista sem perceber os diferentes meandros do fenômeno da informação.

Isto me parece é o que acontece com o livro de Bruce Kingma economista da Universidade de Nova York em Albany. Os escritos de Kingma focalizam os aspectos microeconômicos da informação e o seu mercado.

É aí que acontece o primeiro desencontro da informação com a economia, pois Kingma parte para a sua análise sem questionar ou definir o **tipo de mercadoria** que irá estudar.

A informação - se assim for considerada - é uma mercadoria de condições muito especiais, que a diferenciam completamente das demais mercadorias. É uma mercadoria simbólica, sujeita a interação subjetiva e individualizada de cada consumidor. Não é escassa, é abundante, não se torna propriedade de quem a consome como os demais produtos, não possui unidade de medida bem definida, não é na maioria das vezes homogênea

em conteúdo, não se acaba com o consumo, e o valor de uso, de uma mesma peça de informação, varia entre seus consumidores potenciais, o que ocasiona uma desunião com o seu custo e com o seu preço.

Estas são condições iniciais, indispensáveis ao estudo da economia da informação. Bruce Kingma não definiu de início, com propriedade o seu objeto de estudo, daí toda análise subsequente tornou-se inadequada. Sua análise marginalista e de mercado está basicamente feita utilizando livros, não considerando o conteúdo, mas como a base física da informação.

A sua análise da oferta e demanda de informação e seu mercado ao não observar os constrangimentos da mercadoria que estuda não tem muito valor. O mercado de informação possui características que lhe são peculiares, pesquisas anteriores nos permitem indicar que na ambiência da informação é a **oferta que determina a demanda por informação**.

Esta afirmação em si não é de todo original. Em 1976 Dr. **URQHART**¹, idealizador da **British Lending Library** em Boston Spa, na Inglaterra, indicava que:

"Estas propostas vêm de uma fonte que acredita implicitamente no homem econômico e no conceito de que demanda cria oferta. A ausência de qualquer resultado útil, nas tentativas anteriores de pesquisa econômica da transferência da informação, sugere que os testes básicos dos economistas não se aplicam a este campo (Ciência da Informação). **A posição parece indicar que o homem da informação substancialmente diferente do homem econômico. Sem dúvida ele vive em um mundo onde oferta pode criar demanda**".

A grande contribuição da presente publicação está em seu sumário, onde estão relacionados alguns dos principais tópicos do que seria uma economia da informação: teoria do consumidor e a **demanda** do mercado; Os Custos do produto e a oferta; a eficiência

⁽¹⁾ Urqhart, D.J., Economic Analysis of Information Services, J. Doc., v.32, n 2, pp123-25.

econômica; a informação como mercadoria e como bem público; análise do custo benefício. Contudo, estes temas não devem seduzir possíveis leitores, pois o tratamento da questão e o conteúdo não estão adequados.

Afirmo com segurança que esta não seria uma leitura que eu recomendaria aos meus alunos em um curso de economia da informação.

Aldo de Albuquerque Barreto